

# CABEÇA DE VALADAS À BEIRA DO FIM ATRAIÇOOU A VERDADE DO JOGO

Campo Estrela, em Évora.  
Árbitro: Lopes Galrinho. Fiscais de linha: Nunes Alves (lado da bancada) e Hermínio João. Trio do C. R. de Setúbal.  
LUSITANO DE ÉVORA — Barradas; Teixeira (Zorrinho, aos 52 m), Kikas «cap», Luís Carlos e Hugo; Nito; Padinha, José Eduardo (Betinho, aos 56 m) e Valadas; Mozart e Rui Gonçalves.

Treinador: Joaquim Meirim.  
SINTRENSE — Forte; Bento, Nuno Melo (Luisinho, aos 43 m), Moleiro «cap» e Mário Martins; Luz; Biscaia, Dauto, Jorge (Carlitos, aos 83 m) e Agudo; Renato.

Treinador: José João.  
Ao intervalo: 0-0.  
O único golo da partida foi apontado aos 83 minutos. Zorrinho centrou largo do lado direito para o meio da área, aparecendo VALADAS, todo no ar, a cabecear, sem oposição, e a enviar a bola para o fundo das redes.

Ação disciplinar: cartões amarelos para Dauto (39 m), por agarrar Rui Gonçalves; Rui Gonçalves (58 m), por entrada a pés juntos sobre Jorge; Jorge (81 m), por protestar com o árbitro.

Já não chega averbar os dois pontos, é preciso, também, jogar bem e, se possível, «massacrar» o adversário — a ideia que nos ficou, ontem, da exigente massa associativa (simpatizantes incluídos...) do Lusitano, depois da vitória do seu clube, por 1-0, frente ao Sintrense, em desafio antecipado da quarta jornada da Zona Sul da II Divisão e, ainda, com inversão

de campos, em virtude de os visitantes estarem a arrelvar o seu terreno.

Se é um facto que o Lusitano produziu uma paupérrima exibição, não se justifica que o público tenha manifestado, por diversas vezes, o seu descontentamento. Em Portugal tem-se o mau hábito de vaiar as equipas e, muito particularmente os treinadores, quando os acontecimentos não correm de feição, quando deveria verificar-se o inverso, pois os jogadores precisam de ser devidamente apoiados em alturas em que o futebol não esteja a corresponder ao desejado.

Évora, ontem, não foi excepção a essa regra. Afinal, os eborenses venceram, o que conta na alta competição é o amearhar de pontos e é preciso não se esquecer que uma equipa não se constrói do pé para a mão. É necessário dar tempo ao tempo e o «Nacional» só vai, ainda, nos primeiros passos... Porquê, então, tanta desconsideração pelo Lusitano? E, mais grave ainda, quando essas atitudes partem dos próprios associados...

... **BARRADAS, a coxear durante 79 minutos (!), evitou que a jovem e inexperiente equipa visitante concretizasse, pelo menos, três lances de contra-ataque**

## «Fifias» comprometedoras

Como já referimos, os donos do terreno actuaram mal, por vezes também desconcentrados, talvez por pensarem, erradamente, que o adversário, pelos antecedentes na prova (duas derrotas em igual número de jogos, uma delas em «casa»... por 1-4) seria presa fácil, tanto mais que o Sintrense acabou de ingressar esta época no escalão secundário, depois de uma longa travessia no deserto pelos escalões mais baixos...

E, afinal, o que se verificou no (ainda) irregular relvado do Campo Estrela? Pois bem, o Lusitano entrou a jogar sob um nervosismo incompreensível, com os seus elementos descrentes e, por isso, a errarem inúmeros passes, o que só facilitou a

tarefa dos visitantes que, mercê do seu bom sentido táctico, iam controlando o jogo na zona intermediária, procurando, sempre que lhes era permitido, utilizar o seu venenoso contra-ataque, tendo como principal protagonista o irrequieto Renato, que deu água pela barba à superintranquila defesa local, que começou a dar algumas «fifias» comprometedoras.

Valeu, na altura, o experiente guardaredes Barradas, que deu «festival» ao longo dos noventa minutos, salvando a equipa de uma eventual derrota. E a sua exibição é tanto mais de louvar quando o n.º 1 do Lusitano, na sua primeira intervenção de vulto, evitando um remate de... Renato, que surgiu isolado, se lesionou na coxa esquerda, passando a coxear até ao final do desafio. Estavam por jogar — imagine-se — 79 minutos...

O Lusitano não conseguia impor o seu futebol e a sua defesa continuou a dar «baldas», sobretudo por não acertar na sincronização de movimentos para apanhar os dianteiros contrários em fora-de-jogo. Num desses lances, Renato voltou a isolar-se e, mais uma vez, Barradas (quem haveria de ser?... ) negou o golo, que parecia certo.

O Sintrense, para espanto do público, era senhor do jogo! A equipa de José João revelou uma serenidade notável, enervando, pois, o adversário, que não encontrou o necessário discernimento para construir, na primeira parte, uma jogada com princípio, meio e fim. O resultado de 0-0 ao intervalo, quanto a nós, era lisonjeiro para o Lusitano que, nesse período, só por sorte não viu as redes de Barradas serem alvejadas.

## Meirim mexe na equipa

Joaquim Meirim, o astuto técnico dos locais, apercebeu-se que teria de modificar algo para que não acontecesse o pior. E se compreendemos a substituição de Teixeira por Zorrinho (um homem vibrante e de maior pendor atacante), já nos causou um certo espanto a saída de José Eduardo (o verdadeiro «motor» da equipa, com lançamentos em profundidade e precisos) para dar lugar ao brasileiro Betinho que foi jogar a médio, ele que actua, preferencialmente, como avançado...

Os donos do terreno passaram a jogar mais com o coração do que com a cabeça, sobretudo porque sentiam que estavam a deixar fugir o jogo e, pior, os minutos passavam sem que o almejado golo aparecesse. O Sintrense, por seu lado, com o aproximar do final, retraiu-se um tanto, passou a ter mais cautelas defensivas, embora sem descurar o contra-ataque. E aí Renato (pois claro...) voltou a protagonizar um lance que semeou o pânico na área eborense (nova falha dos centrais) ao que correspondeu Barradas com outra grande defesa!

Já se jogava o último quarto-de-hora quando o Lusitano criou a sua primeira

grande oportunidade para inaugurar o marcador. No seguimento de um pontapé de canto, a bola sobrou para Betinho que, à entrada da área, levou a bola a rasar o poste direito de Forte que, encoberto com uma «floresta» de pernas, nada podia fazer... O Lusitano cresceu com esse lance e, embora continuando a jogar mal, acreditou na possibilidade de somar os pontos em causa, enquanto o Sintrense prescindiu de ameaçar Barradas, concentrando forças no meio-campo, tapando todas as linhas de passe...

(A bola, 9 de Outubro de 1989)



**FORTE AOS PÉS DO LUSITANISTA MOZART • Foto RUI RAIMUNDO**

### **O golo de Valadas...**

Alguns espectadores, insatisfeitos, começavam a abandonar as bancadas, convencidos de que o nulo não se alteraria, quando, inesperadamente, Zorrinho (transmitiu outra «alma» à equipa) se escapou pela direita, centrou largo e Valadas cabeceou, sem apelo nem agravo, à boca das redes. Foi o delírio no campo... o Sintrense tentou reagir, mas pouco tempo restava, acabando por perder um jogo de forma inglória.

O golo de Valadas à beira do fim atraiçoo a verdade do jogo. Houve, porém, um elemento do Lusitano que mereceu vencer: Barradas. Coxo durante 79 minutos e defender o que defendeu, é obra... A equipa de Meirim pareceu-nos inibida e tem que rectificar muita coisa, especialmente no sector recuado, que não acerta com a defesa em linha o que, como se sabe, é uma faca de dois gumes. Ter Barradas é meio caminho, mas o guarda-redes eborense não é infalível...

O Sintrense foi uma agradável surpresa, embora faltasse algum atrevimento à equipa. Muito bem escalonados no campo, os rapazes de José João cederam propositadamente o comando das operações ao adversário para explorarem, então, o contra-ataque, mas, aí, Renato (não parou um minuto...) teve o azar de encontrar um inspiradíssimo Barradas. Destaque, ainda, para Luz que, apesar da sua veteranaria, é bastante útil. Agudo deus, também, nas vistas pelos seus raides no flanco esquerdo. O Sintrense pagou, no entanto, o preço da sua inexperiência. A equipa é, na sua maioria, muito jovem, mas melhores dias virão.

### **Arbitragem pouco autoritária**

Lopes Galrinho, que viajou desde Setúbal, esteve bem no aspecto técnico, mas revelou-se pouco autoritário, permitindo, assim, que os jogadores abusassem da sua complacência. Deveria ter admoestado Barradas com o cartão amarelo quando o guarda-redes lusitano cortou com os punhos, fora da área, um lance de perigo para a sua baliza, iam decorridos 24 minutos. Mais tarde, aos 58 m, poderia ter sido mais severo para a atitude pouco simpática de Rui Gonçalves quando lhe foi exibida a cartolina amarela...

O juiz setubalense também acompanhou, por vezes, demasiado longe os lances, correndo pouco (falta de preparação física?) e transmitindo a ideia de um certo alheamento do jogo. Enfim, uma actuação sobre o fraco, embora, repetimos, certa nos respectivos julgamentos.

### **CRÓNICA DE**

**MIGUEL CORREIA**

(n bola, 9 outubro de 89)